

# Onomástica Portuguesa: *Viagem a Portugal* de José Saramago

António Pereira  
Universidade do Minho

## I. Introdução

Diz-se que nada nos pertence mais do que o nome: o nosso e o do local onde nascemos/vivemos. Acrescentamos nós: o nome é o homem e o homem é a terra – “memento homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris” (*Génesis*, 3, 19: “lembra-te, homem, que és pó e em pó te hás-de tornar”). Neste contexto, não é, pois, difícil perceber o fascínio que os nomes (de pessoas – antropónimos; e de terras – topónimos) sempre exerceram sobre o ser humano – “o homem é um animal etimologista”, é-lhe inata a curiosidade das origens<sup>1</sup>.

Assim, várias têm sido as ciências a trazer para o seu âmbito de estudo as questões onomásticas: a Filosofia<sup>2</sup>, a História, a Sociologia, ... a Literatura e a Linguística, claro. E é precisamente nestes dois últimos domínios que nos pretendemos fixar. Se outrora a relação entre a Linguística e a Literatura pareceu frágil, hoje em dia abundam os estudos que as aproximam. Um bom exemplo são os inúmeros textos que se têm publicado sobre Onomástica Literária<sup>3</sup>.

Um pouco à semelhança do que fez Celso Cunha para *Os Lusíadas* (“Poética e Onomástica em *Os Lusíadas*”), também nós escolhemos uma obra nacional para fazer algumas incursões pela ciência dos nomes. *Viagem a Portugal* de José Saramago é um bom ponto de partida, até porque o próprio autor se apresenta como “curioso de nomes e das origens deles” (SARAMAGO: 106). Assim, o viajante-filólogo não se coíbe de mostrar trabalho feito nas questões difíceis da etimologia, revelando uma sensibilidade apurada e um espírito científico exigente. Mas, como muitas vezes as ciências da linguagem se mostram incapazes de dar respostas satisfatórias, então o viajante-filólogo-ficcionista procura criar as suas próprias explicações. E será interessante saber, nas viagens que faz pela onomástica portuguesa, onde acaba o viajante-filólogo e começa o viajante-ficcionista.

---

<sup>1</sup> Cf. NASCENTES, p. V do “Prefácio”.

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, *Crátilo – diálogo sobre a justeza dos nomes* de Platão, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 2ª edição, 1994.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Roland Barthes, *Le Degré Zero de l'écriture*, Éditions du Seuil; e os números 46 e 54 de *Poétique, revue de théorie e d'analyse littéraires*.

## II. *Viagem a Portugal*: nos caminhos da Onomástica

Quando se fala de viagens no domínio da literatura portuguesa, o primeiro título que nos vem à memória é possivelmente *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett. E, a respeito desta obra, recordamos ainda os propósitos que justificaram a criação literária do Autor: “Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica”<sup>4</sup>. Fica assim alertado o leitor para a teia de viagens que compõe a obra: uma viagem “real” (de Lisboa a Santarém) e várias outras, fruto do “pensar e sentir” que tomaram conta do viajante.

Ora, que caminhos unem então os dois autores, Garrett e Saramago? Alguns. Primeiro o espaço geográfico-literário escolhido (Portugal), depois o resultado complexo dos múltiplos olhares que para ele foram dirigidos.

Para comemorar dez anos de implantação em Portugal, o *Círculo de Leitores* convidou José Saramago a percorrer o país de Norte a Sul, entre Outubro de 1979 e Julho de 1980. E, à semelhança do que aconteceu com as *Viagens* de Garrett, nasceu não um guia turístico mas uma “história”, história “de um viajante no interior da viagem que fez, história de uma viagem que em si transportou um viajante, história de viagem e viajante reunidos em uma procurada fusão daquele que vê e daquilo que é visto, encontro nem sempre pacífico de subjectividades e objectividades” (SARAMAGO: 9).

Posto isto, o que nos compete então fazer? Seguir servilmente os trilhos calcorreados pelo Autor? Ouçamos de novo as suas palavras: “Tome o leitor as páginas seguintes como desafio e convite. Viaje segundo um seu projecto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cómodos e de rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até inventar saídas desacostumadas para o mundo. Não terá melhor viagem” (IDEM: 10).

Aceitemos o desafio e o convite; depois escolhamos o nosso próprio “projecto”: onomástica portuguesa. Porquê? Simplesmente porque é um domínio que nos apaixona e também porque, a este respeito, a obra de Saramago é um rico manancial de formas onomásticas, predominantemente toponímicas<sup>5</sup>. Quanto às viagens dentro desta grande viagem que é a Onomástica, privilegiaremos duas: a dimensão crítica e a etimologia.

### 1. Saramago: “animal etimologista”?

Antes de darmos visibilidade às dimensões crítica e etimológica da Onomástica da *Viagem*, convém mostrar o apreço do Autor por esta área do saber.

<sup>4</sup> Em *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett, Realização Didáctica de Luís Amaro de Oliveira, Porto Editora, 1982, p. 15.

<sup>5</sup> O “Índice Toponímico”, presente nas páginas 393-398 da *Viagem*, dá conta de 580 topónimos, aproximadamente.

Há alguns anos atrás, num livro meu de Filosofia (não sendo eu o autor), lia-se o seguinte: “Todo o homem é filósofo, a não ser que se mostre patologicamente idiota”. Ora, o que se diz para a Filosofia poderia dizer-se, por exemplo, para a Etimologia: “Todo o homem é etimologista, a não ser que...”. Recorde-se que o próprio Antenor Nascentes já defendia semelhante máxima: “o homem é um animal etimologista”<sup>6</sup>. Estará esta capacidade bem desenvolvida em Saramago? Atendendo a que o seu âmbito de trabalho não é propriamente a etimologia, cremos que sim. De facto, se percorrermos com atenção as páginas da *Viagem a Portugal*, facilmente deparamos com exemplos que comprovam o que acabámos de dizer:

- a) “Hoje, o viajante chegará ao Porto. (...) Evitará as estradas principais (...), coleccionando nomes singulares, de norte a sul, e, sempre que um lhe aparece na beira da estrada, repete-o em voz baixa, saboreia-lhe o gosto, procura adivinhar-lhe o sentido, e quase sempre desiste ou outro lhe aparece quando ainda não decifrou o primeiro” (103).
- b) “Que razões terão sido as deste baptismo, não sabe o viajante, tão curioso de nomes e das origens deles” (106).
- c) “Se há coisa que o viajante estime, é saber o porquê do nome das coisas, porém não há-de acreditar em qualquer história que lhe venham contar” (128).
- d) “Em alguns lugares não resta mais que o nome: o nome, como sabemos, é a última coisa a morrer” (278).
- e) “O viajante gosta de nomes, está no seu direito” (362).
- f) “Logo o nome da terra (Estômbar) daria para reflexões e pesquisas. Aliás o Algarve está cheio duma toponímia estranha que apenas por convenções ou imposição centralizadora se dirá portuguesa. (...) Mas esta nova viagem (ir de origem em origem, buscando raízes e transformações, até tornar a memória antiga necessidade de hoje) não a fará o viajante: para isso se requereriam saber e experiência particulares, não estes apenas de olhar e ver, parar e caminhar, reflectir e dizer” (386).

E este último é um bom exemplo de como Saramago, apesar de se sentir atraído pela etimologia, reconhece nela complexidade suficiente para exigir “saber e experiência particulares” que, segundo ele, não possui.

## 2. Dimensão crítica da Onomástica

A literatura, tal como outras artes, tem sido muitas vezes utilizada como arma de arremesso. Pensemos, por exemplo, no riso denunciador de Gil Vicente, na ironia aparentemente anti-nacionalista de Eça de Queirós e, agora, no espírito acutilante e provocador de Saramago. E a onomástica, em particular, pode também

<sup>6</sup> Cf. Nota 1.

ser ela “arma de arremesso” disparada em várias direcções? Vejamos os exemplos que se seguem:

- a) “Carvalhais não faltam em Portugal. (...) aí estão a lembrar que houve tempos em que abundavam na terra portuguesa os carvalhos, essas árvores magníficas a que ninguém pedia frutos e a que todos requeriam madeira. O carvalho, para ser útil tinha de morrer. Tanto o mataram que o iam exterminando. Em alguns lugares não resta mais que o nome: o nome, como sabemos, é a última coisa a morrer” (277-278).
- b) “Na torre que aqui está foi em tempos encontrada uma coleira com uns dizeres gravados, os quais assim rezavam: “Este preto he de Agostinho de Lafeté do Carvalhal de Óbidos”. O viajante não sabe mais nada do escravo preto, a quem a coleira só deve ter sido tirada depois que morreu. (...) pelo modelo se terão feito as que serviram aos cães e que até hoje se usaram: “Chamo-me Piloto. No caso de me perder, avisem o meu dono”. (...) Na coleira do escravo de Agostinho de Lafeté nem sequer se mencionava o nome. Como se sabe, um escravo não tem nome. Por isso, quando morre, não deixa nada. Só a coleira, que ficava pronta para servir outro escravo” (278).
- c) No Museu de Arqueologia e Etnologia de Lisboa: “Tirando alguns deuses conhecidos e uns tantos imperadores romanos, o resto é a arraia-miúda, anónima, sem rosto nem nome” (293).
- d) “O viajante acha agradável o Parque Eduardo VII (aqui está um topónimo que, sem escândalo da Grã-Bretanha, bem podia ser substituído por referência mais chegada ao nosso coração)” (307).

Parece não haver dúvidas acerca dos alvos a atingir. Assim, para além da crítica ao abate sem escrúpulos de árvores (carvalhos, neste caso) representativas do nosso património florestal (em a)), censura-se a escravatura e a despersonalização (em b)), o apagamento social a que é votada a “arraia-miúda” (em c)) e a falta de brio patriótico (em d)). Há todavia uma verdade que parece apaziguar a revolta do viajante: vão-se as coisas, ficam os nomes; “o nome, como sabemos, é a última coisa a morrer” (278).

### 3. Entre a Filologia e a Ficção

Confirmado o apreço de Saramago pelas questões onomásticas, interessa-nos agora saber até que ponto os conhecimentos do Autor, neste domínio, merecem a nossa aceitação. Para isso seleccionaremos alguns excertos (por ordem textual), tecendo de imediato os comentários que acharmos mais oportunos:

- a) “À saída de Miranda do Douro (...) reparou num pequeno rio (...). Ora, os rios têm nomes, e este, tão perto de se juntar ao encorpado Douro, como lhe

terão chamado? (...) “Ó senhor, como se chama este rio?” “Este rio chama-se Fresno.” “Mas fresno é palavra espanhola, quer dizer freixo (...). Quem sabe se fresno não será também uma palavra do dialecto mirandês?” (14-15).

Actualmente o termo *Fresno* surge de facto, em português, para designar o rio de Trás-os-Montes e, em espanhol, como nome de árvore (“Árbol oleáceo de madera muy blanca y apreciada por su elasticidad”<sup>7</sup>). Quanto ao vocábulo *freixo*, em português utiliza-se como nome de árvore (equivalente ao espanhol *fresno*) mas também como topónimo, em Portugal (em *Freixo de Espada à Cinta*, por exemplo<sup>8</sup>) e na Galiza. *Freixo* pode ainda ocorrer como apelido. De qualquer modo, a origem para cada um destes casos parece estar no latim *fraxinu-*, “freixo”. A documentação antiga aponta-nos a existência de diversas variantes: *freiseno* (907), *freixeno* (961), *freyxeno* e *fresno* (1152) e *freyxo* (1286), entre outras (MACHADO 1967 e 1993). Desta forma, nada mais comum do que deparar em Portugal com um rio de nome *Fresno*, sabendo que tal forma nos aparece já em documentação de 1152. Quanto à possibilidade de o vocábulo pertencer aos usos comuns do Mirandês (*fresno* por *freixo*, tal como no espanhol), não nos espanta devido ao conservadorismo que caracteriza esta nova língua e à proximidade geográfico-linguística em relação à Espanha<sup>9</sup>.

- b) “Duas léguas adiante está Caçarelhos. Aqui diz Camilo que nasceu o seu Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda (...). Fique então dito que esta aldeia não sofre de pior maleita que a distância (...), nem provavelmente tem o seu nome que ver com o que no Minho se diz: caçarelho é fulano tagarela, incapaz de guardar um segredo” (16).

Este é para nós um vocábulo interessante. Como topónimo, *Caçarelhos* surge pelo menos em Chaves e Vimioso. A sua origem etimológica é apontada como obscura (MACHADO 1993). Como nome comum ou adjetivo, não o encontramos em nenhum dicionário. Saramago afirma que no Minho *caçarelho* designa um “fulano tagarela, incapaz de guardar um segredo”. Ora, sendo esta a nossa região de origem, quisemos apurar os factos questionando várias pessoas. Na verdade, há no Minho um termo específico a significar “fulano tagarela” mas esse termo é *cacarelho* e não *caçarelho*. Na nossa opinião, a origem desta forma minhota remete-nos para termos como *cacarejar* e *cacarejo* (sons emitidos pela galinha), o que fonética e semanticamente faz todo o sentido: *cacarelho* será portanto um indivíduo que, à

<sup>7</sup> Em *Diccionario de uso del Español*, de María Moliner, 2 tomos, Madrid, Editorial Gredos, 1989.

<sup>8</sup> Segundo consta, *Freixo de Espada à Cinta* figura num foral de 1152 com o nome de *Fresno* (cf. MACHADO).

<sup>9</sup> Para um conhecimento geral do Mirandês, veja-se *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*, Miranda do Douro / Lisboa, 1999.

semelhança da galinha, quando cacareja, “comunica” de forma pouco discreta, dizendo por vezes aquilo que não devia. Mais: em galego *cacarela* é um adjetivo que apresenta um significado muito próximo do já referido<sup>10</sup>.

- c) “Atravessar a serra do Marão, qualquer o pode fazer, mas quando se sabe que Marão significa Casa Grande, as coisas ganham o seu aspecto verdadeiro, e o viajante sabe que não vai apenas atravessar uma serra mas entrar numa casa” (44).

“Marão significa Casa Grande” – afirma Saramago. Será? Recorrendo à documentação antiga, encontramos as formas *Maraon* (1116 e 1134), *Maran* (1141) e *Maram* (1258), entre outras. Quanto à origem do nome da serra, diz-se que é obscura mas alguns especialistas, como Leite de Vasconcelos, remetem para o antropónimo latino *Maranus* ou *Maranius*, enquanto outros, como Piel, defendem uma origem germânica. Machado, por sua vez, coloca a hipótese de ser céltica de *mar(os)*, “grande”, anteposto a *ran(da)*, “limite” (MACHADO 1993). Seja como for, esta última opinião vem dar credibilidade às ideias de grandeza e de espaço limitado contidas na aceção de Saramago (“Marão significa Casa Grande”).

- d) “Aonde foi Rio Mau buscar este nome é que o viajante não sabe. Na beirada da povoação não passa nenhum curso de água, há apenas um regatinho a um quilómetro, não pode haver maldade em tal insignificância. É o Este, afluente do Ave, que próximo corre, tem seu nome próprio de ponto cardeal, outro mistério que fica a bulir nas curiosidades do viajante” (65).

O rio Este “tem seu nome próprio de nome cardeal” mas só aparentemente. Na verdade, em relação a este rio diz Machado (1993): “Não se trata evidentemente do ponto cardeal mas de voc. de provável origem germânica”. Piel vê no elemento *est-* o gótico *asts*, alemão moderno *ast*, “ramo”. Recorde-se que em 965 o rio era identificado pela forma *Aliste*, *Alister* em 1012 e *Heste* em 1136. Se aceitarmos em *Aliste* e *Alister* a presença do artigo arábico *al-*, então poderemos pensar numa origem pré-romana para *iste* e *ister* (cf. MACHADO 1993).

- e) “Vieira do Minho, que bem mais formoso nome tinha quando se chamava Vernaria, palavra primaveril, de folhas e flores que se abrem” (101).

Machado (1993) remete o topónimo *Vieira* para o substantivo comum *vieira* (“concha usada pelos peregrinos a Santiago. Noutros casos dever-se-á ao lat. *Vellaria*”). Depois, ao tratar do substantivo comum, transporta-nos para a forma *venera*,

<sup>10</sup> “Cacarela, adx. Di-se da rapariga que ri com frequência. Di-se da rapariga inquieta e lingoreteira” (em *Dicionário da língua galega* de Isaac Alonso Estravís, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco Edicións, 1995).

esta do castelhano *venera* que, por sua vez, provém do latim *veneria*, “espécie de concha, assim chamada por semelhança com a concha em que pintam Vénus a sair das águas”. Do mesmo étimo latino, *veneria*, recebemos, portanto, *vieira* e *venera*. Há ainda outros termos que remetem para a estação das flores: *vernal* (adj.), *vernar* (verbo) e *vernação* (substantivo). Seja como for, e mesmo que o vocábulo *Vernaria* usado por Saramago não esteja atestado, a verdade é que contém em si todo um conjunto de sentidos confirmados pela etimologia: “Vernaria, palavra primaveril, de folhas e flores que se abrem”.

- f) Em Paço de Sousa: “para fundador do mosteiro não poderia encontrar-se ninguém com melhor nome que aquele abade D. Troicosendo Galendiz, aqui vindo num ano do século X (...). O viajante já vai na estrada e ainda diz, como quem trinca um miolo de noz: “D. Troicosendo Galendiz. D. Troicosendo Galendiz”” (105).

Este é um dos casos raros de antroponímia: *D. Troicosendo Galendiz*. O viajante não lhe busca o sentido mas delicia-se com o inusitado das sílabas. Relacionado com *Tortosendo*, a sua génese parece estar na forma *Tructesindus*, de origem germânica: de *drauhts*, “exército” e *sinths*, “caminho”. Como variantes, contamos com *Tructesendo* (924), *Truitiesindo* (972), *Tructesindo* (994)<sup>11</sup>, e a forma “saramaguiana” *Troicosendo* (1083), entre outras.

### III. Conclusões

“Em Alcobaça se coloca (...) a antiga questão de saber se apareceu primeiro o ovo ou a galinha. Quer dizer, é por se chamarem Alcoa e Baça os rios daqui que Alcobaça teve o nome, ou não tendo ainda sido baptizados os rios se resolveu partir em dois o nome da terra, toma lá tu, toma lá tu. Dizem entendidos que o nome de Alcobaça vem de Helcobatie, nome de uma povoação romana que próximo existiu, mas essa explicação não resolve a nossa angustiada dúvida, pois apenas empurra o problema para outros tempos: chamar-se-iam então os rios Helco e Batie?, deram eles o nome a Helcobatie?, ou Helcobatie generosamente se dividiu em dois para não ficarem os seus rios anónimos? Parecem brincadeiras do viajante, mas são sérios assuntos” (244-245).

Terminamos o nosso comentário propositadamente com este exemplo (muitos outros haveria). No nosso entender, ele revela bem o espírito de Saramago: exigente, questionador, insatisfeito ...., precisamente algumas das qualidades que se

<sup>11</sup> Quanto a esta forma, recordemos que ela se tornou célebre graças ao romance histórico *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós. Aqui faz-se referência ao remotíssimo avô de Gonçalo Mendes Ramires – *Tructesindo* Ramires, herói orgulhoso e vingativo.

devem pedir a um investigador: “Se há coisas que o viajante estime, é saber o porquê do nome das coisas, porém não há-de acreditar em qualquer história que lhe venham contar” – diz ele na página 128.

Segundo Piel (p.9), a etimologia “já não se contenta com identificar a forma actual de um vocábulo com a sua forma primitiva subjacente, mas esforça-se por reconstituir a sua forma externa (fonética) e interna (semântica) através dos séculos”. Deste modo, a tarefa de todos aqueles que se aventuram nos labirintos da Etimologia é deveras exigente até porque – continua Piel – “este ideal se revela tanto mais difícil de alcançar quanto é certo que a origem de um número ainda demasiado de elementos continua duvidosa ou mesmo totalmente enigmática”.

Sem se arvorar em especialista na procura da génese dos nomes, Saramago deixa-nos aqui um exemplo de respeito pelo saber. Evitando “meter a foice em seara alheia” (“cada macaco no seu galho”, diria porventura o Autor), Saramago mostrou que uma obra ganha amplitude e nobreza quando se faz de uma urdidura de fios diversos mas consistentes. A Onomástica é um deles. Perspectivada de uma forma ora mais literária ora mais linguística, a ciência dos nomes próprios teve em Saramago um artífice escrupuloso e honesto. A Onomástica não é um caminho fácil de trilhar, e Saramago disse-o várias vezes, mas é um desafio ao qual é difícil resistir – “o homem é um animal etimologista”.

### Bibliografia Selectiva

- CUNHA, Celso Ferreira da (1981). “Poética e Onomástica em *Os Lusíadas*” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI, *Camões*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MACHADO, José Pedro (1967). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed., 3 vols., Editorial Confluência.
- IDEM (1993). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed., 3 vols., Horizonte/Confluência.
- NASCENTES, Antenor (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (Nomes Próprios), Rio de Janeiro.
- PIEL, Joseph-Maria (1989). *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Estudos Gerais, Série Universitária, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SARAMAGO, José (1999). *Viagem a Portugal*, Círculo de Leitores.